

## GETÚLIO VARGAS EM PAPEL E TINTA: A REVISTA DO RÁDIO E SEUS DEBATES POLÍTICOS (1948 – 1954)

Maycon Dougllas Vieira dos Santos \*

118

**Resumo:** O principal objetivo deste trabalho é analisar os debates políticos da *Revista do Rádio* em torno da figura de Getúlio Vargas. Semanário especializado em assuntos do mundo do rádio, sobretudo no que dizia respeito à vida íntima de artistas daquele período, foi criada em 1948 e tinha Anselmo Domingos como editor-chefe. Embora a revista abordasse principalmente temas relacionados a “fofocas”, não deixava de participar das discussões políticas da época, principalmente durante as eleições presidenciais de 1950. Logo, meu intuito é averiguar quais os níveis de apoio da *Revista do Rádio* ao projeto getulista e se esse apoio era circunstancial ou permanente, abrangendo todo o governo ou apenas a campanha presidencial. Também proponho analisar o conjunto de imagens e representações de Getúlio Vargas nas páginas da *Revista do Rádio*, com o intuito também de investigar as motivações por trás da mobilização positiva da figura de Vargas pelo periódico.

**Palavras-chave:** Rádio; Imagem; representação.

### **Getúlio Vargas in Ink and Paper: The Radio Magazine and its Political Debates (1948 – 1954)**

**Abstract:** The main objective of this study is to analyze the political debates in the *Revista do Rádio* surrounding the figure of Getúlio Vargas. A weekly magazine specialized in radio affairs, particularly focusing on the private lives of artists of that period, it was established in 1948 with Anselmo Domingos as its editor-in-chief. Despite primarily covering "gossip" topics, the magazine actively engaged in political discussions of the time, especially during the 1950 presidential elections. Thus, my aim is to investigate the levels of support from the *Revista do Rádio* for the Getulist project and whether this support was circumstantial or permanent, encompassing the entire government or only the presidential campaign. I also propose to analyze the collection of images and representations of Getúlio Vargas in the pages of *Revista do Rádio*, aiming to investigate the motivations behind the positive mobilization of Vargas' figure by the magazine.

**Keywords:** Radio; Image; Representation.

---

\* Doutorando e mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Licenciado em História pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: [mdougllas0@gmail.com](mailto:mdougllas0@gmail.com)

### **Getúlio Vargas en Papel y Tinta: La Revista del Radio y sus Debates Políticos (1948 - 1954)**

**Resumen:** El principal objetivo de este estudio es analizar los debates políticos en la Revista do Rádio en torno a la figura de Getúlio Vargas. Una revista semanal especializada en asuntos de radio, especialmente centrada en la vida privada de artistas de ese período, fue creada en 1948 con Anselmo Domingos como editor en jefe. A pesar de cubrir principalmente temas de "chismes", la revista participaba activamente en las discusiones políticas de la época, especialmente durante las elecciones presidenciales de 1950. Por lo tanto, mi objetivo es investigar los niveles de apoyo de la Revista do Rádio al proyecto getulista y si este apoyo era circunstancial o permanente, abarcando todo el gobierno o solo la campaña presidencial. También propongo analizar la colección de imágenes y representaciones de Getúlio Vargas en las páginas de la Revista do Rádio, con el fin de investigar las motivaciones detrás de la movilización positiva de la figura de Vargas por parte de la revista.

**Palabras clave:** Radio; Imagen; Representación.

### **Introdução**

Já é bem conhecido, no âmbito historiográfico, o espaço privilegiado que a imprensa ocupa nos estudos históricos, seja como fonte, seja como objeto de estudo. Na interface que relaciona história e imprensa, as autoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto afirmam que, no caso da imprensa, "é preciso pensar sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica" (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p. 257).

As autoras salientam, portanto, que, ao adentrar no universo dos impressos e tratá-los como fonte, é necessário ir além do simplismo de enxergar jornais e revistas como meros repositórios de informações, visões ou ideologias. Ou seja, é praticamente impossível não encontrar nas fontes jornalísticas e impressas (mesmo aquelas ligadas a temas mundanos) conteúdos, orientações e posições políticas de seus respectivos jornalistas e editores. Luís Ricardo Araújo da Costa, ao dissertar sobre o papel da imprensa carioca na campanha presidencial de Vargas, comenta que há uma "compreensão de que a imprensa brasileira se vinculava, à época, a um jornalismo com posições políticas sensivelmente clarificadas" (COSTA, 2016, p. 11).

É dentro desse contexto que gostaria de inserir a *Revista do Rádio*, fonte e objeto de análise do presente artigo. O periódico em questão contava com normalmente 50 páginas. A capa geralmente vinha com fotografias de artistas de rádio, principalmente mulheres, e seu conteúdo vinculava-se integralmente a assuntos referentes ao rádio. Começou a circular mensalmente em 1948, e em menos de um ano passou a ser semanal, tendo a tiragem na média de 50 mil exemplares por mês, e circulou até os anos 1970, deixando um importante legado para o mundo dos impressos (FAOUR, 2002). Tinha por diretor-chefe Anselmo Domingos, escritor e roteirista de radionovelas da época. Ela pode ser considerada a primeira “revista de fofoca” do Brasil, e no seu tempo, foi uma referência para as publicações especializadas em assuntos do rádio, mas nenhuma chegou a um alcance tão significativo de exemplares vendidos mensalmente naquele período.<sup>1</sup> Posteriormente, passou a ser chamada de “*Revista do Rádio e TV*”.

O recorte cronológico deste trabalho está circunscrito no segundo governo Vargas (1951-1954). A imprensa teve um papel imprescindível no acirramento das tensões políticas que compunham o respectivo período e, “durante todo o segundo governo Vargas, praticamente todos os jornais de maior circulação iriam perseguir esse objetivo de minar as bases do getulismo, mas sem êxito” (ABREU e LATTMAN-WELTMAN, 2011, p. 28). Sabemos, com base em uma vasta literatura historiográfica, que diversos setores, principalmente aqueles ligados à UDN, não estavam satisfeitos com o possível retorno de Vargas à presidência (BENEVIDES, 1981).

Prova disso era a “guerra de palavras”, para usar o termo cunhado por Luís Ricardo Araújo da Costa, travada na imprensa carioca do período. Jornais de grande circulação nacional não mediram esforços para impedir a candidatura varguista. Diante dos impasses, construía-se outro retrato, intensificando as negativas em relação à figura de Vargas, qualificado como “ditador, populista, demagogo”, entre outros adjetivos que o associavam a uma imagem pejorativa e maniqueísta de um Getúlio “não democrático”.

---

<sup>1</sup> Segundo Doris Fagundes Haussen e Camila Stefenon Bacchi, “no início era mensal, mas, em menos de um ano, começou a circular semanalmente, tirando, em média, 50 mil exemplares” (HAUSSEN e BACCHI, 2001, p. 2). Essa informação também pode ser encontrada no editorial da revista, escrito por Anselmo Domingos, em dezembro de 1949: “neste número, último do ano de 1949, nossa tiragem atinge 50 mil exemplares” (REVISTA DO RÁDIO, 1949, n. 22, p. 3). O diretor-chefe, em um outro editorial, no ano de 1951, escreveu que “O Instituto Brasileiro de Opinião Pública (IBOPE) em seu boletim anual de 1950, demonstra que a REVISTA DO RÁDIO é a segunda revista semanal em vendagem” (REVISTA DO RÁDIO, 1951, n. 75, p.3).

Dessa forma, perdurou na historiografia brasileira uma explicação quase unânime: toda a imprensa brasileira da década de 1950 era contrária a Vargas. Isso não se devia apenas a motivos de cunho pessoal, principalmente em relação à censura imposta pela ditadura do Estado Novo, mas também às divergências ideológicas entre Vargas e a imprensa liberal e anti-getulista. O primeiro era visto como um estadista avesso aos ideais “liberais” defendidos intensamente pela segunda. Vargas, desde o início de sua campanha, deixou claro que daria continuidade a seu projeto trabalhista, iniciado nos anos finais do Estado Novo. Sobre essa questão, Juliana Martins Alves afirma que “nos anos 1950, sob a vigência do regime liberal-democrático, os valores do trabalhismo foram recuperados e vivificados” (ALVES, 2013, p. 146).

Essa questão já foi criticada por autores como Luis Carlos Passos Martins (2010). Martins argumenta que, enquanto Vargas tentava implementar um projeto de desenvolvimento nacional, baseado em uma maior intervenção do Estado na economia e na promoção de indústrias de base, como a Petrobras, a imprensa liberal, associada a interesses empresariais e financeiros, criticava essas medidas, temendo a centralização do poder e o impacto sobre a iniciativa privada. Para Martins, a oposição da imprensa a Vargas não era meramente ideológica, mas refletia o choque entre dois projetos distintos de nação: um nacional-desenvolvimentista, defendido por Vargas, e outro liberal, promovido por setores da imprensa e da elite econômica.

Gostaria de tensionar, utilizando a *Revista do Rádio* como fio condutor, a interpretação posta na historiografia de que toda a imprensa “fechou o cerco” e se colocou contra Vargas. As preferências políticas do periódico, conforme minha hipótese, estavam alinhadas ao projeto getulista de retorno ao poder. Não houve, claro, nenhuma nota editorial ou posicionamento oficial da revista declarando seu apoio a Vargas. Entretanto, os sinais desse apoio se manifestam ao longo das edições de forma mais evidente do que qualquer outra preferência política ou ideológica. Enquanto a maioria dos jornalistas da “grande imprensa” era contrária a Vargas e considerava seu governo o 'algoz' da nação, a *Revista do Rádio*, ao que tudo indica, estava em sintonia com Getúlio.

Meu objetivo, portanto, é averiguar quais foram os níveis de apoio da *Revista do Rádio* ao projeto getulista e se esse apoio foi circunstancial ou permanente, abrangendo todo o governo ou apenas a campanha presidencial. Proponho também analisar o conjunto de imagens e representações de Getúlio Vargas nas páginas da *Revista do*

*Rádio*, buscando investigar as motivações por trás da mobilização positiva da figura de Vargas pelo periódico.

### **O semanário com saudades do velho**

A *Revista do Rádio* começou a circular em fevereiro de 1948, e já na segunda edição do periódico houve a primeira menção a Getúlio Vargas. Essa menção veio acompanhada de uma fotografia, não daquela época, mas de um momento anterior, registrando uma visita de alguns radialistas ao Palácio Guanabara. Não há exatamente uma datação específica da fotografia, mas o periódico mencionou: “Naqueles bons tempos todo o mundo era getulista. A fotografia acima é uma prova”<sup>2</sup>. A imagem escolhida reforçava o vínculo de amizade entre Getúlio e a classe radiofônica. A palavra “tempo” associada à imagem, em que “todo mundo era getulista”, também é sugestiva: quem escrevia na revista demonstrava saudades de Vargas.

A partir de 1949, nas vésperas das eleições presidenciais, a revista passou a perguntar recorrentemente aos radialistas e artistas de rádio se acompanhavam os “acontecimentos políticos”. Em uma entrevista com o radialista Manuel Monteiro, ele respondeu: “como todo bom brasileiro, interesse-me, entretanto, por todos os fatos ligados à pessoa do senador Getúlio Vargas”, e ao ser indagado sobre o motivo, ele declarou: “porque sou getulista de coração, meu caro”<sup>3</sup>. Saudosismo e vínculo são as duas formas encontradas na revista a respeito das primeiras menções a Getúlio nas páginas aqui citadas. Apesar de ocupar o cargo de senador da República, Vargas encontrava-se recluso em sua fazenda em São Borja, no Rio Grande do Sul. Longe dos holofotes, mas não esquecido pela *Revista do Rádio*, muito menos pelos solidários amigos e amigas radialistas.

Tânia Regina de Luca já sinalizou que “a ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir” (LUCA, 2005, p. 140). Em outras palavras, os conteúdos destinados a falar sobre as preferências políticas da classe radiofônica possivelmente retratam as sugestões que a própria revista entregava em suas páginas ao seu público (e)leitor. Quando o periódico destinava caneta, papel e atenção aos radialistas e artistas de rádio que votariam em Getúlio Vargas para presidente, seria possível inferir que o semanário

<sup>2</sup> Revista do Rádio, n.2, março de 1948, p. 3.

<sup>3</sup> Revista do Rádio, n. 11, janeiro de 1949, p. 40.

era um franco apoiador do getulismo? A partir dessas constatações e questionamentos, a revista ia apresentando, representando e, ao mesmo tempo, garantindo que o nome de Getúlio não fosse esquecido.

A edição 14 trouxe uma matéria intitulada “Alvarenga e Ranchinho têm saudades de Getúlio”. A reportagem abordava os boatos que às vezes cercavam os humoristas, que faziam piadas com os acontecimentos e personagens políticos da época. Nela, uma entrevista com Alvarenga e Ranchinho foi realizada, na qual eles desmentem terem sido alvos de qualquer tipo de censura por conta de suas piadas. Pelo contrário, afirmam que “mesmo no tempo do Sr. Getúlio Vargas nada nos aconteceu”. Segundo eles, Vargas soltava “altas gargalhadas”.<sup>4</sup> De acordo com a notícia, a dupla era constantemente requisitada para fazer suas apresentações no Palácio do Catete.



Imagem 1: Entrevista com Alvarenga e Ranchinho, na qual é destacada a “saudade” que estavam de Getúlio, n. 14, 1949. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

O alarde das vésperas eleitorais estava associado a um sentimento de nostalgia pelo período em que Getúlio Vargas esteve no poder, conforme sugerido na reportagem mencionada anteriormente. Até que ponto os editores da revista estão intencionalmente cultivando esse sentimento em seu público leitor? Seriam os próprios radialistas que manifestavam saudades de Getúlio? Outro ponto interessante é a forma como a revista

<sup>4</sup> Revista do Rádio, n. 14, abril de 1949, p. 9.

adjetiva Getúlio, referindo-se a ele como “líder dos trabalhadores”. Isso não apenas reflete o alinhamento dos escritores do semanário com os acontecimentos políticos da época, mas também reconhece que, segundo a ótica da revista, Vargas era uma figura central do trabalhismo (GOMES, 2005).

Ainda em 1949, uma matéria intitulada “Um milhão de cruzeiros pelas memórias de Getúlio no Rádio” veio acompanhada de uma caricatura de Vargas, juntamente com a notícia. A reportagem relatava uma proposta feita a Getúlio Vargas para gravar suas memórias e transmiti-las no rádio. Foi Assis Chateaubriand, proprietário dos *Diários Associados*, quem teve a ideia, além de oferecer um milhão de cruzeiros a Vargas. Seguindo a reportagem:

A resposta, porém, (estamos suficientemente informados) foi recusada. Depois, com uma gargalhada ampla, o ex-presidente do Brasil perguntou ao sr. Salgado Filho:

- Mas afinal, que desejava o Chateaubriand fazer com as minhas memórias?<sup>5</sup>

A proposta incluía a condição de que Vargas não precisaria escrever pessoalmente. Um datilógrafo estaria disponível, assim como um revisor de redação. Embora Vargas tenha recusado a oferta, a revista escreveu: “não resta dúvida, seria um acontecimento sensacional no rádio brasileiro”. Outro ponto interessante foi a representação de Getúlio por meio de uma gravura, onde ele aparece com a mão no bolso, com um ar “bonachão” e um sorriso entreaberto. O desenho estava em conformidade com o imaginário que já se consolidava na sociedade: a de um político “carismático”. Mesmo sem se concretizar, essa reportagem, acompanhada da gravura de Getúlio e seu sorriso, evocava a lembrança do carisma e da espirtuosidade de Vargas, incorporados nos traços da imagem. Embora suas memórias não tenham sido irradiadas, sua presença simbólica permaneceu viva na revista. Certamente, “o sorriso do velhinho” continuava a ser lembrado pelo semanário radiofônico.

---

<sup>5</sup> Revista do Rádio, n. 17, julho de 1949, p. 5.



Imagem 2: Reportagem sobre a proposta de irradiar as memórias de Vargas no Rádio, n. 17, 1949. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Também eram comuns enquetes sobre as preferências dos candidatos à presidência. No geral, a maioria se declarava favorável ao retorno de Getúlio, enquanto outra parte dos entrevistados mencionava o nome de Ademar de Barros. Duas respostas merecem destaque: “Se o povo prefere Getúlio, pra que discutir com o povo?” e “Meu filho, nós somos francamente do Getúlio. Se ele se candidatar, levará nosso voto incondicionalmente”.<sup>6</sup> A enquete veio acompanhada do título “Os artistas querem”. O verbo "querer", no contexto aqui analisado, possuía outros significados, ligados à linguagem política trabalhista.

É provável que, mesmo sem intenção, o semanário tenha evocado um movimento ocorrido no final de 1945 e que, em maior ou menor grau, ainda exercia influência: o *queremismo*. Ao discutir os sentidos do *queremismo*, Jefferson José Queler nos diz que “o uso do termo *queremismo* para descrever as manifestações populares a favor de Getúlio Vargas, em 1945, é bastante cristalizado na historiografia. Entretanto, é possível indicar como tal conceito, longe de possuir um sentido neutro e fixo, foi então instrumento central da luta política” (QUELER, 2016, p. 2).

<sup>6</sup> Revista do Rádio, n. 19, setembro de 1949, p. 34.

O movimento queremista travou inúmeras disputas sobre seu “real” sentido e, para utilizar as reflexões de Jorge Ferreira, trouxe um amálgama de aprendizados políticos para as diversas classes trabalhadoras (FERREIRA, 1998). Os "trabalhadores do rádio", em sintonia com os acontecimentos políticos ao seu redor, também absorveram a linguagem do trabalhismo, formando opiniões e visões de mundo que se refletiam, em grande medida, no semanário de Anselmo.

### **A campanha presidencial dos anos 50 em páginas radiofônicas**

A entrevista com o radialista Almirante, destacada pela revista, traz uma nuance interessante ao debate político da época. Ao declarar que : “Falar de política é algo tão natural para um elemento de rádio como falar sobre o rádio por um elemento da política”<sup>7</sup>, Almirante revela a naturalidade com que os radialistas da época discutiam política, um reflexo da intensa politização da sociedade naquele momento. O entrevistador Caspary, ao insistir na pergunta sobre as preferências políticas de Almirante, obtém a revelação de que, embora ele considere Getúlio um "homem honesto", seu voto seria para Adhemar de Barros. No entanto, o título da reportagem destaca apenas a parte positiva sobre Getúlio, omitindo que o radialista optaria por outro candidato. Essa escolha editorial sugere que a revista estava mais interessada em perpetuar a imagem positiva de Vargas do que em destacar a diversidade de opiniões entre os radialistas.

A revista, portanto, parecia promover uma narrativa favorável a Getúlio, algo que se alinha com a presença constante do nome de Vargas em suas páginas. Como você mencionou, é quase impossível evitar debates políticos em tempos eleitorais, e a própria revista contribuiu para essa efervescência política ao incluir perguntas sobre preferências eleitorais em quase todas as entrevistas com artistas e radialistas dos anos 1950.

Um exemplo claro desse alinhamento pró-Getúlio é a matéria intitulada ““O Rádio está com Getúlio?””<sup>8</sup>, que cita Eladir Porto. Ela havia vindo da Argentina para cumprir seu "dever patriótico" de votar em Vargas, e estava envolvida diretamente na campanha, gravando jingles e realizando shows para angariar votos. A revista não apenas destaca o entusiasmo de Eladir, mas a posiciona como representante de uma classe radiofônica amplamente alinhada com a candidatura de Vargas. A revista, ao

<sup>7</sup> Revista do Rádio, n. 29, 1 de abril de 1950, p. 15.

<sup>8</sup> Revista do Rádio, n. 37, 23 de maio de 1950, p. 38.

promover essa imagem, reforça a ideia de que o rádio, enquanto meio de comunicação de massa, era um veículo de grande influência na política e que, naquele momento, estava claramente a serviço do retorno de Vargas ao poder.



Imagem 3: Reportagem sobre o apoio de radialistas à candidatura de Getúlio Vargas, n. 37, 13 de maio de 1950 (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

Ainda sobre o trabalho feito por Eladir Porto, foi noticiado, já nas primeiras páginas, um “show” realizado pela cantora na inauguração de mais um escritório eleitoral para a campanha presidencial de Getúlio Vargas. É notável como, de fato, os artistas de rádio, mais especificamente a Eladir Porto, “vestiram a camisa” da campanha e trabalharam arduamente em prol de Vargas. Algo interessante que o semanário ressalta é que o grande público que estava presente nesta inauguração comprovava “o interesse do público pelo rádio e sua aliança com a política”<sup>9</sup>. O assunto não era outro. Não tinha como escapar. No entanto, Anselmo Domingos, editor-chefe, fez questão de escrever em um editorial desse período,

Não temos cor política. Se alguma coisa temos publicado com referências a candidatos ou a eleições é porque algo de radiofônico se poderá extrair das referidas publicações. Vários leitores nos

<sup>9</sup> Revista do Rádio, n. 43, 4 de julho de 1950, p. 3.

perguntam se fazemos força por Getúlio. Outros nos sugerem que seria muito mais ‘negócio’ abrir as páginas à política do governo. Preferimos, porém, o que estamos fazendo: dar notícia a tudo que realmente nos pareça interessante para os leitores, leitores de uma publicação destinada aos assuntos de rádio. É claro que rádio e política estão muito juntos, ultimamente, razão pela qual estaremos presentes em qualquer assunto político onde haja rádio, como não de qualquer assunto radiofônico só porque tenha ele ambiente político... Certo?<sup>10</sup>

As palavras de Anselmo ajudam a explicar as razões pelas quais o ano de 1950 foi o período em que sua revista mais se dedicou a tratar sobre política. Partindo da premissa da imparcialidade, o diretor-chefe deixava claro para seus leitores que não levantava a bandeira “trabalhista” ou “antigetulista”, diferentemente de outros meios de comunicação, tais como jornais que se colocavam na trincheira de combate ao retorno de Vargas. De acordo com Luís Ricardo Araújo da Costa, “desenhado como um neoconvertido a democrata, Getúlio era continuamente desmentido pela imprensa carioca, pródiga a rememorar a experiência estado-novista” (COSTA, 2016, p. 127).

Para esse autor, parte da imprensa carioca se mostrava nos anos 50 completamente avessa ao que Vargas representava: um ditador, demagógico, antiliberal, e que certamente deveria não competir nas eleições presidenciais. A *Revista do Rádio*, embora não colocasse na empreitada de ser deste ou daquele partido ou candidato, não parecia incomodada com o fato de que a esmagadora maioria dos radialistas serem favoravelmente alinhada a Getúlio.

O que pode ser observado, especialmente em 1950, é o comprometimento da revista em divulgar as opiniões políticas da classe radiofônica. No entanto, talvez não seja difícil acreditar que a revista tinha interesse em publicar (e destacar nos títulos das reportagens) o nome e a candidatura de Getúlio. Semanas após as eleições, Anselmo destinou algumas de suas opiniões políticas nos editoriais. No entanto, a ênfase não estava necessariamente na vitória de Getúlio, mas sim nas possíveis razões que levaram certos radialistas e artistas de rádio a apoiarem Vargas. Vamos ao que foi dito pelo criador da revista. Em suas palavras,

Pode-se argumentar que nem todos os candidatos do rádio poderiam aparecer na chapa do PTB, onde até Sagramor, para entrar, só o conseguiu com a intervenção de Getúlio [...] Provado está, mais do que provado, que o fã escolheu entre os candidatos do rádio os que

<sup>10</sup> Revista do Rádio, n. 46, 25 de julho de 1950, p. 3.

eram de Getúlio. Deixou de lado a questão do nome, prestígio pessoal do artista, cara bonita, etc<sup>11</sup>.

Nas mesmas eleições presidenciais, alguns radialistas se colocaram no pleito, concorrendo a cargos de vereadores na capital federal, Rio de Janeiro. Para o escritor de radionovelas, a vitória ou derrota dos candidatos se deu pela aproximação ou o distanciamento destes com Getúlio. O então presidente eleito democraticamente em 1950 era encarado e representado como um político de tamanha importância, e a classe radiofônica tinha ciência de tal fato. E pelo visto, o próprio Anselmo se viu na obrigação de admitir em suas linhas editoriais. A vitória de poucos candidatos do rádio poderia ser explicada, pela ótica da revista, através da relação recíproca entre aqueles e aquelas radialistas que eram “getulistas”.

Ainda sobre essa relação, na seção *Feira de Amostras*, foi publicado o seguinte comentário: "Dizem que Getúlio Vargas, dentre todos os presidentes, é o maior amigo dos artistas brasileiros. E, é verdade. Verdade é também que os artistas são os maiores amigos de Vargas. Tanto que já está provado que fomos nós que lhe demos a vitória!"<sup>12</sup>. Apesar desta pequena reportagem ter um excêntrico tom de ironia, visto que foi publicado em uma parte da revista dedicada a “piadas” sobre as pessoas do rádio, ela revela os posicionamentos políticos da classe radiofônica, onde as linguagens políticas, certamente, ganham contornos específicos quando se converge assuntos do rádio e questões políticas.

### **O que esperar de Getúlio? Entre expectativas e frustrações**

No editorial de fevereiro de 1951, eis que Anselmo, que se colocava sempre na espreita da imparcialidade, resolveu levantar algumas questões (políticas) no que dizia respeito às primeiras ações de Getúlio. Ele inicia dizendo que é “natural” que, com a mudança de governo, também sejam modificadas as diretorias das emissoras oficiais e semioficiais do Estado, tais como a Rádio Nacional, que é citada como exemplo. O mais interessante é que Anselmo delineia uma categoria que, já naquela época, caracteriza governos e governantes, mesmo que de forma pejorativa: o populismo. Seguindo as palavras de Anselmo, “nomes de confiança do senhor Getúlio Vargas, evidentemente, tomarão conta dos destinos das ‘pe-erres’ ligadas diretamente ou indiretamente aos

<sup>11</sup> Revista do Rádio, n. 59, 24 de outubro de 1950, p. 3.

<sup>12</sup> Revista do Rádio, n. 68, 26 de dezembro de 1950, p. 5.

poderes públicos, divulgando, está claro, os assuntos de maior interesse do populismo”<sup>13</sup>.

A palavra “populismo”, parte do vocabulário político de Anselmo Domingos, apresentado pela revista, demonstrava aquilo que já foi sinalizado por Ângela de Castro Gomes, quando diz que

se trata de um conceito com um dos mais altos graus de compartilhamento, plasticidade e solidificação, não apenas no espaço acadêmico da história e das ciências sociais, como transcendendo este espaço e marcando o que poderia ser chamado uma cultura política nacional (GOMES, 1996, p. 2).

O rádio, como meio de comunicação de massa, desempenhou um papel central nessa construção, permitindo que Vargas se aproximasse diretamente do povo, sem intermediações tradicionais, como partidos políticos ou elites regionais. Essa relação direta é um dos elementos fundamentais na compreensão do populismo varguista, caracterizado pela figura carismática do líder que estabelece um diálogo imediato com o povo, promovendo uma imagem de protetor e defensor dos interesses populares.

Segundo Maria Celina d'Araújo, o populismo varguista não deve ser visto apenas como uma estratégia política, mas também como um fenômeno cultural profundamente enraizado na sociedade brasileira. Vargas utilizou o rádio como uma plataforma não apenas para se comunicar com as massas, mas para se posicionar como o “pai dos pobres”, alguém capaz de compreender as necessidades da população e de atuar diretamente para melhorar suas condições de vida. Essa construção de imagem foi um dos fatores que consolidaram seu poder e lhe garantiram apoio popular, mesmo diante de crises políticas e econômicas (ARÁUJO, 2000).

De acordo com a literatura acadêmica, inicialmente, as primeiras vezes em que esse termo passou a ser cunhado, sobretudo por parte da sociedade e da imprensa nos anos 50, ser “populista” estava relacionado a um político “carismático”, que se aproveitava de um “eleitorado que não sabia votar” e que acreditava em tudo que aquele era dito e prometido pelo político. Vargas, nesse sentido, era considerado populista pelo editor-chefe da revista. Isso se deve ao fato de que a troca de diretores das emissoras não seguia critérios “lógicos e racionais”, mas sim ocorria por pura 'troca de favores' ou por estarem ligados à órbita varguista.

---

<sup>13</sup> Revista do Rádio, n. 75, 13 de fevereiro de 1951, p. 3.

O próprio Anselmo, ao término de sua fala no editorial, sugeriu que “melhor seria deixar como está [...] longe da política, são emissoras de utilidade pública, populares e graças aos seus atuais dirigentes, têm cumprido os seus bons e elogiáveis propósitos”. Este mesmo editorial revela que a Revista tinha expectativas sobre como Getúlio lidaria com o universo radiofônico. E Anselmo não estava contente com as “mudanças desnecessárias” que ocorreram na troca de diretores. Importante ressaltar que Getúlio colocou Vitor Costa como diretor da Rádio Nacional. Tudo isto foi lido e interpretado por Anselmo Domingos como uma “política populista”, certamente numa lógica vista de maneira extremamente negativa.

Isso quer dizer que, de alguma forma, aqueles e aquelas radialistas que levantaram mastro e remaram a favor da maré para a volta do “retrato do velho” outra vez, agora, após as eleições, tinham suas expectativas apresentadas no semanário. Uma enquete publicada sob o título 'O que você espera de Getúlio?', originada a partir de uma indagação feita por dois artistas de rádio, questionou se Vargas fará um bom governo. De maneira geral, os artistas e radialistas entrevistados expressaram otimismo em relação ao futuro governo de Getúlio, destacando sua capacidade de realizar um bom trabalho como presidente, e “depois disso ninguém pode duvidar que o presidente eleito conta com as simpatias da classe radiofônica”<sup>14</sup>.

Na seção *Perguntas da Semana*, também foi questionado se os artistas de rádio estavam gostando do governo Vargas. Das respostas, a que mais chama atenção, talvez, seja a de Eladir Porto, deixando evidente ao falar que “sempre gostei. Porque Getúlio sabe perdoar, seguindo a lição do Divino Criador”<sup>15</sup>. A palavra “perdão” remete a uma outra, que foi a costura que conectou toda a campanha de Getúlio: conciliação. Para Maria Celina d’Araújo (1982), as alianças conciliatórias formuladas para obter apoio político eram sintomáticas da crise que minava a base do sistema democrático brasileiro daquele período. De acordo com essa autora, a “crise” do governo varguista não se deu no seu término, mas sim pelo fato de que a impossibilidade de haver naquele contexto alguém que desbaratinasse Getúlio, era a prova cabal da falta de uma democracia sólida. A crise já estava evidente antes de “agosto de 54”

Em uma entrevista de 1952, o semanário questionou Maria do Carmo sobre sua opinião a respeito da carestia da vida. Ela expressou que considerava a situação um verdadeiro “despropósito”, embora acreditasse que a culpa não recaísse sobre o

<sup>14</sup> Revista do Rádio, n. 76, 20 de fevereiro de 1951, p. 12.

<sup>15</sup> Revista do Rádio, n. 91, 5 de junho de 1951, p. 34.

presidente. Ao ser indagada se era getulista, respondeu que não entendia muito de política, mas, com base no que ouvira antes das eleições, acreditava que votar em Getúlio era a melhor opção, embora confessasse estar “decepcionada”<sup>16</sup>. Será que esse sentimento de frustração também era compartilhado por outros artistas de rádio?

Vargas ainda era uma figura proeminente para o semanário. A exemplo, foi noticiado que o nome de Vargas tinha se tornado “prêmio”. Segundo quem escreveu a reportagem, “houve um grande prêmio denominado Presidente Vargas. Eis uma justa homenagem. O nome de nenhum outro brasileiro está tão ligado à data do Trabalho como do dr. Getúlio Vargas. As conquistas que as classes operárias hoje desfrutam foram, na sua quase totalidade, obtidas no governo do ilustre brasileiro”<sup>17</sup>. O Dia do Trabalhador, conforme apontado por Isabel Bilhão (2011), foi alvo de intensas disputas por seus “sentidos”, sendo apropriado pelo discurso varguista ainda na ditadura do Estado Novo. que a reportagem revela é que a memória coletiva e social sobre esse dia foi completamente associada à imagem de Vargas, considerado o mantenedor dos direitos trabalhistas.

Palavras como trabalho, associações, sindicatos e populismo eram fundamentais no vocabulário político da Revista do Rádio, estando todas elas vinculadas à lógica política associada a Getúlio, que era retratado no semanário como um político do povo. Em relação a isso, foi feita uma reportagem sobre a entrega do prêmio dos “Melhores de 51”. O evento foi marcado pela presença de Anselmo Domingos, o secretário de governo que também era radialista, e do Dr. Roberto Alves. Vargas fez questão de mencionar que, na sua visão, aqueles que estavam presentes havia ganhado o prêmio (ou eleição), pois tinham sido escolhidos pelo 'povo', que é “o melhor juiz”<sup>18</sup>.

Além disso, Anselmo escreveu um editorial contundente sobre a falta de assistência do governo à manutenção e ao funcionamento da Rádio Mauá. Embora a menção ao nome de Vargas não tenha sido acompanhada de críticas diretas a ele, Anselmo Domingos relatou que Barreto Pinto, ex-deputado trabalhista, apelou para que Getúlio olhasse com “mais carinho” para a então emissora do “trabalhador”. O editor-chefe também fez críticas irônicas ao ministro do Trabalho, João Goulart. Sob suas palavras,

<sup>16</sup> Revista do Rádio, n. 134, 1 de abril de 1952, p. 21.

<sup>17</sup> Revista do Rádio, n. 133, 27 de maio 1952, p. 43.

<sup>18</sup> Revista do Rádio, n. 146, 24 de junho de 1952, p. 8.

Este novo Ministro do Trabalho, que se mostra empolgado e vibrante em diversas outras atividades, bem poderia, com seu élan natural, correr em socorro da Rádio Mauá, pois está a mesma ligada e dependente do próprio Ministério, embora com liberdade comercial. Ou o sr. Jango Goulart não acredita no poder e na utilidade do rádio?<sup>19</sup>.

Opiniões que antes eram favoráveis parecem ter se tornado contrárias no ano de 1954". Dentre elas, a de Oswaldo Elias, “se seus auxiliares de governo colaborassem construtivamente, esta pergunta seria desnecessária”, ou como respondeu Amaral Gurgel, “sinceramente, essa é uma das perguntas que eu não gostaria de responder”<sup>20</sup>. Nesse contexto, o semanário voltou a se interessar em trazer à tona as opiniões e visões dos radialistas a respeito do governo. Vale ressaltar que o ano de 1954 é marcado por uma série de crises governamentais, que culminaram em um final trágico (GOMES, 2011).

O que se observa é que a classe radiofônica já não via Getúlio com os mesmos olhos de 1950. Na seção Mexericos da Candinha, é comentado que “alguns radialistas que ‘eram’ getulistas, mas agora estão no rigor da moda, ou seja, contra Getúlio: Silvino Neto, Edgar de Carvalho, Eladir Porto e Paulo Roberto” Será que também a *Revista do Rádio* está se colocando como contra, ou estão na contramão do ‘rigor da moda’?” Uma coisa é certa: as opiniões e visões sobre Vargas estão intimamente afetadas pelo estado de crise, chegando a redimensionar até mesmo a “lealdade” de muitos radialistas que antes se consideravam “getulistas”.

### **“Agosto de 54” e como a revista lembrou de Getúlio**

Entre os meses de julho e agosto de 1954, período marcante da crise que culminou no suicídio de Vargas, não houve uma única menção ao nome de Getúlio no semanário. O atentado contra Carlos Lacerda, a renúncia, a possibilidade de golpe militar — todos esses dramáticos acontecimentos não foram noticiados na revista.

Certamente, o periódico seguiu em 1954 estampando as opiniões de artistas sobre suas decepções com o governo varguista, mas, durante a “crise de agosto”, a revista se distanciou completamente de Vargas. Jornais e revistas se posicionaram, seja a favor ou contra. A exemplo da revista *O Cruzeiro*, Bibiana Soldera Dias afirma que “a revista *O Cruzeiro* acompanhou amplamente a crise, dando maior ênfase ao atentado

<sup>19</sup> Revista do Rádio, n. 208. 1 de setembro de 1953, p. 50.

<sup>20</sup> Revista do Rádio, n. 232, 20 de fevereiro de 1954, p. 19.

que tirou a vida do Major Vaz do que ao suicídio do Presidente. Postura condizente com as posições políticas do dono do hebdomadário naquela época” (DIAS, 2008, p. 4).

A *Revista do Rádio* seguiu postura semelhante. Ao longo de agosto de 1954, ignorou completamente os fatos que deslancharam o governo Vargas. Durante um curto período, o semanário parece ter optado por não se envolver com os acontecimentos políticos. Completo silêncio. Mesmo na semana seguinte ao suicídio de Vargas, a revista não noticiou nem publicou nada sobre o ocorrido.

Enquanto outros meios de comunicação se dedicaram a cobrir a tragédia logo nas primeiras horas e dias, a *Revista do Rádio* só mencionou o fato duas semanas depois. Ainda que o semanário tenha feito essa homenagem, e apesar de ela estar centrada na relação íntima de Vargas com os radialistas, no "calor do momento" não houve menções sobre o ocorrido.



Imagem 4: Reportagem especial, homenageando a memória de Getúlio Vargas, n. 261, 1954. (Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

O periódico recordou o acontecimento de acordo com a imagem e o conjunto de representações que já estavam presentes nas páginas radiofônicas desde o início: um Getúlio carismático, feliz, sorridente e, principalmente, amigo dos radialistas. A classe radiofônica, assim como o semanário de Anselmo, não se deteve muito sobre o assunto do "momento", diferentemente de outros meios impressos, que passaram pelo menos dois meses publicando ou até divulgaram na íntegra a carta de suicídio. A *Revista do Rádio* fez sua parte, lembrando o fato não de maneira tímida, tampouco de forma

dramática, mas de maneira um pouco mais contida, no formato de lembrança e memória. Após o fim do governo, Vargas passou a ser menos mencionado na revista, assim como o próprio espaço dedicado à discussão política, pelo menos até o final de 1954. Agora, era uma revista de rádio sem Vargas e, ao que parecia, menos inclinada a tratar de questões políticas.

### **Considerações finais**

Diferente de outros veículos, como *O Cruzeiro*, que enfatizava temas políticos e econômicos, a *Revista do Rádio* dedicava-se a construir uma imagem simpática e apolítica dos artistas e de figuras públicas, como Vargas. Ao contextualizar essas características, compreende-se melhor como a publicação moldava as representações de Vargas, não como um político, mas como um “amigo dos radialistas” e defensor dos trabalhadores, o que reforça o caráter carismático de sua liderança.

Nos anos 50, mais especificamente no período eleitoral, o periódico destacou as preferências políticas de radialistas e artistas de rádio, que apontavam para Vargas. A esmagadora maioria votou em Getúlio. Além disso, antes mesmo da campanha presidencial, o periódico já apresentava notícias, imagens e reportagens sobre Vargas. De certa forma, as menções, muitas vezes honrosas, à figura de Getúlio ajudaram a construir uma imagem coesa e precisa dele na revista.

Mas por que a classe radiofônica tinha tanto apreço por Getúlio? Ao que tudo indica, havia radialistas apoiadores de Vargas que também se candidataram a cargos políticos. Mas, a simpatia dos radialistas por Vargas não se limitava apenas a interesses eleitorais; havia uma identificação profunda entre os artistas do rádio e o presidente, que era visto como um defensor dos direitos trabalhistas e um protetor das classes populares. Vargas, ao longo de seu governo, cultivou uma relação próxima com essa classe, promovendo políticas que beneficiavam o setor cultural. Além disso, sua imagem de “homem do povo” e sua habilidade de usar o rádio como ferramenta de comunicação direta com as massas reforçavam a ideia de proximidade e amizade.

O apoio a Vargas transcendeu a simples estratégia política, sendo também uma representação simbólica construída ao longo dos anos de interação entre o presidente e os artistas do rádio. Essa relação era mutuamente vantajosa: enquanto os radialistas ganhavam maior visibilidade por se associarem à figura popular de Vargas, o presidente fortalecia sua imagem de líder carismático e defensor das classes trabalhadoras. A *Revista do Rádio* desempenhou um papel crucial nessa construção, ao perpetuar uma memória favorável de Vargas. Dessa forma, os candidatos da classe radiofônica viam no

apoio a Getúlio uma oportunidade de aumentar suas chances eleitorais, utilizando a imagem positiva promovida pela revista para mobilizar o público tanto em favor de Vargas quanto dos próprios radialistas envolvidos na política.

### Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954. In: GOMES, Ângela de Castro. *Vargas e a Crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ALVES, Juliana Martins. Reinventando o trabalhismo nos anos 1950: a "missão pedagógica" da política estatal no segundo governo Vargas. Passagens. In: *Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 1, janeiro-abril, 2013, p. 142-160.

ARAÚJO, Maria Celina D. *Vargas: o capital político (1930-1954)*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BILHÃO, Isabel. "Trabalhadores do Brasil!": as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.31, n. 62, 2011.

COSTA, Luís Ricardo Araújo da. *Bota o retrato do velho outra vez: a campanha presidencial de 1950 na imprensa do Rio de Janeiro*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2014.

CRUZ, H.; PEIXOTO, M. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 1- 411, 2007.

D'ARAÚJO, M. C. *O segundo governo Vargas (1951-54)*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982.

DIAS, Bibiana Soldera. A crise final do governo Getúlio Vargas sob o olhar de Assis Chateaubriand: uma análise das edições de agosto e setembro de 1954 da revista O Cruzeiro. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 9., 2008, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2008.

FAOUR, Rodrigo. *Revista do Rádio – Cultura, Fuxicos e Moral nos anos dourados*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura Municipal, 2002.

FERREIRA, Jorge. Quando os trabalhadores ‘querem’: política e cidadania na transição democrática de 1945. In: *História Oral*, n. 1, 1998, pp. 169-19

GOMES, Ângela de Castro. O populismo e as ciências sociais no Brasil: notas sobre a trajetória de um conceito. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 31- 58, 1996.

\_\_\_\_\_. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

\_\_\_\_\_. (org.) *Vargas e a crise dos anos 50*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ponteio, 2011.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. in: PINSKY, Carla. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARTINS, Luis Carlos dos Passos. *A grande imprensa “liberal” da capital federal (RJ) e a política econômica do segundo Governo Vargas (1951-1954): conflito entre projetos de desenvolvimento nacional*. Tese de Doutorado em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

QUELER, Jefferson José. Os sentidos do quererismo: disputas políticas em torno do conceito na redemocratização de 1945. *História*, São Paulo, v. 35 e 104, 2016.

**Data de Submissão: 07/05/2024**

**Data da Avaliação: 22/07/2024**



















